

## ROMA VIVE! A CIVILIZAÇÃO ROMANA VISTA PELO CINEMA

Está patente ao público, desde 19 de Fevereiro, no Museu de Calatayud, a exposição *ROMA VIVE! La Civilización Romana vista desde el Cine*. Uma combinação de fotografia e filme, complementada com projecções diárias de NO-DO<sup>1</sup>, convida o visitante a pensar a forma como a sétima arte interpretou, retratou e recriou, ao longo do século XX, os episódios mais conhecidos da História Romana, confrontando-o com uma visão sobre duas áreas que se tornaram indissociáveis: a «História de Roma» e o «Cinema da História».

Longe de ser uma civilização desaparecida, Roma continua viva na memória da cultura ocidental, em grande medida graças aos *pepla*, que foram ao longo dos anos o primeiro e, frequentemente, o único contacto das massas com a Roma dos Césares, apesar do difícil equilíbrio entre a realidade histórica e a liberdade artística. A corrida de carros do *Ben-Hur* (1959), a entrada de Cleópatra em Roma no filme homónimo, o incêndio da cidade às ordens de Nero, a pega do touro ou a perseguição ao cristianismo emergente no *Quo Vadis* (1951), continuam a dominar o imaginário de gerações. Foi, aliás, a necessidade de cenários elaborados e monumentais para as filmagens destas produções que esteve na génese dos grandes estúdios cinematográficos.

As fotografias seleccionadas para esta exibição, muitas das quais inéditas e de prestigiados fotógrafos internacionais, provenientes de filmotecas italianas, alemãs e espanholas, revelam os bastidores, a preparação dos cenários, o *making of* de muitos filmes e os seus protagonistas, como Charlton Heston, Sofia Loren ou Elizabeth Taylor. Algumas mostram Akira

---

<sup>1</sup> O NO(ticiário) DO(cumental) é o diminutivo por que ficaram conhecidas as filmagens oficiais que o estado espanhol fazia durante a ditadura de Franco. Com a duração de um minuto, documentam as filmagens de vários *pepla*, como *A Queda do Império Romano* (1964) e *Espártaco* (1960), que decorreram no país vizinho. A ambos os filmes foi, como não poderia deixar de ser, dado um destaque especial nesta mostra.

Kurosawa, o cineasta nipónico, enquanto visita os estúdios da Cinecittá, em Roma, durante as filmagens de *Ben-Hur* ou Sofia Loren numa animada conversa com Sofia da Grécia, futura rainha de Espanha, aquando de uma visita desta última ao cenário do filme *A Queda do Império Romano* (1964). Um pequeno texto explicativo acompanha todas as fotografias, informando que actores e directores aparecem retratados, assim como curiosidades que marcaram as rodagens. Um exemplo é o *Cleópatra* (1963), de Joseph L. Mankiewicz, que se tornou a filmagem mais famosa e caótica da história do cinema e que arruinou a Fox, mas que despertou um enorme interesse no público, visto que marcou o início do namoro de Elizabeth Taylor e Richard Burton, permitindo ao visitante um melhor enquadramento no momento histórico ou monumento recriado.



As películas seleccionadas para acompanhar a exibição também se destacam por serem quase desconhecidas do grande público, visto terem menor qualidade ou sido ofuscadas por obras como *Ben-Hur*, *Cleópatra*, *Quo Vadis*, ou mais recentemente, *Gladiador* (2000) de Ridley Scott. Diariamente os visitantes podem assistir à projecção de *Galathea* (1935) e *La Bella Helena* (1917), duas curtas-metragens de animação, realizadas por Lotte Reiniger, uma cineasta alemã, pioneira na sua arte e que se inspirou na mitologia grega para alguns dos seus filmes.

*Galathea*, cuja animação é feita à base de sombras chinesas, apresenta um curioso *remake* do mito de Pigmalião (Ov., *Met.* 10, 243-297). Este apaixonou-se pela estátua de uma bela jovem, por ele esculpida e que se assemelha à própria Afrodite. Quando, de súbito, a estátua ganha vida, toda a cidade fica em sobressalto. Galateia, que apenas pretende divertir-se, recusa as atenções do escultor enamorado. Indiferente às belas roupas e jóias que ele lhe oferece e insensível à sua ameaça de suicídio com um punhal, entrega-se à dança e à bebida na companhia dos homens que a tentam seduzir, para alarame das respectivas esposas. A ordem é finalmente reposta por Afrodite, que se comove com as súplicas que a esposa de Pigmalião lhe dirige. Esta, que sempre esteve em segundo plano no coração do esposo, mostra que o seu amor é de tal forma forte que o auxilia nas vãs tentativas de sedução. Só quando Galateia regressa à sua forma original é que ele se apercebe que a verdadeira beleza é a da sua devotada esposa.



A 11 de Abril de 2009 foi projectado o célebre *Cabiria* (1914), realizado por Piero Fosco, um pseudónimo de Giovanni Pastrone. Este foi um dos primeiros épicos a serem filmados ainda durante o tempo do cinema mudo e teve um estrondoso sucesso junto do público. O argumento, escrito propositadamente para o filme, baseia-se no relato de Tito Lívio (29, 23-30), que se centra em dois acontecimentos que marcaram a Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.): o ataque de Cipião a Citra e a famosa expedição naval contra Siracusa, em que Arquimedes desempenhou um papel fundamental na defesa da cidade, ao utilizar um enorme espelho que incendiou a frota romana. No filme, conta-se a história de uma jovem siciliana, Cabiria, levada para Cartago como escrava, onde é salva em duas ocasiões por um espião romano, Fúlvio Axila e pelo musculado escravo deste, Maciste. Os romanos acabam por vencer a guerra e despedimo-nos de Cabiria e Axila que navegam rodeados por anjos. É perceptível a influência decisiva de dois romances históricos que fizeram história: *Quo Vadis*, na criação de Maciste, claramente inspirado em Urso, escravo de Lígia; e *Os Últimos Dias de Pompeia*, o modelo para a erupção do Etna e para a aparição do templo pagão.

Filmado em vários locais, de Roma e da Sicília ao Norte de África, foram utilizadas quatro câmaras, uma delas, móvel. *Cabiria* apresenta já a iconografia que se tornou clássica e que nas décadas seguintes vai caracterizar o *Peplum*, enquanto género cinematográfico, ao apresentar cenários colossais e milhares de figurantes, para recriar momentos espectaculares, como a travessia dos Alpes pelo exército de Aníbal, o assédio de Siracusa e os espelhos de Arquimedes, a erupção do Etna, o sacrifício humano no templo cartaginês (sendo este uma curiosa síntese da arquitectura egípcia, babilónica e pré-colombiana), ou o suicídio da rainha Sofonisba, que tinha aparecido em cena a acariciar os seus dois leopardos de estimação.

No dia 19 de Abril de 2009 foi projectada a película *Rómulo e Remo* (conhecido também como *Duel of Titans*) (1961), realizado por Sérgio Leone e protagonizado por Steve Reeves (Rómulo) e Gordon Scott (Remo). Esta obra foi aclamada pela fidelidade aos textos de Tito Lívio (1, 4, 2-16.4) e de Plutarco (*Vida de Rómulo*), na recriação das origens lendárias de Roma. Apesar de deixar de fora personagens como Amúlio, rei de Alba, e Tito Tácio, rei dos Sabinos, passa em revista os momentos fundamentais da fundação da cidade, incluindo o augúrio dos abutres recebido por Rómulo. Abandonados à nascença, dois gémeos são adoptados por uma loba que os amamenta. Quando descobrem que são filhos de Marte, o deus da guerra, Remo sucumbe ao desejo de poder, enquanto o seu irmão apenas deseja viver

em paz na cidade recém-fundada. O clímax do filme ocorre quando Rómulo, que realiza a investidura cerimonial do rei, demarca com o arado os primeiros sulcos da urbe com dois bois brancos e é interrompido por Remo. Na luta que se segue, Rómulo mata Remo e assume o trono de Roma.

Organizada pela produtora Lavirian e comissariada por Asier Mensuro e Manuel Martín-Bueno, a exposição pôde ser visitada até ao dia 3 de Maio do corrente ano e destacou-se pelo seu carácter itinerante. Durante os meses de Junho a Setembro de 2008 esteve patente ao público no Museu Oiasso, em Irún, onde foi complementada com uma conferência subordinada ao tema *El Cine de Romanos: Entre la Imaginación y la Realidad Histórica*, proferida por Asier Mensuro e por um conjunto de iniciativas dedicadas aos mais jovens e ao público sénior. *Amphitryon*, uma produção musical germânica, realizada por Reinhold Schünzel em 1935, onde se recupera a lenda do nascimento de Hércules, tal como foi transmitida por Plauto no seu *Anfitrião*, foi a película escolhida para aí acompanhar a exibição, a par das curtas-metragens *Galathea* (1935) e *La Bella Helena* (1917). *Amphitryon*, que tinha como subtítulo *Aus den Wolken Kommt das Glück (A sorte chega das nuvens)*, apresenta-se como uma mistura de opereta com um musical da Broadway, com um diálogo lírico e algumas canções pelo meio. O enredo é tipicamente plautino, dominado pelas confusões criadas pelas identidades trocadas e pelas intrincadas relações amorosas. Júpiter e Mercúrio bebem uma poção para se transformarem, respectivamente, no belo Anfitrião e no seu escravo Sósia. Graças a esta artimanha, Júpiter seduz e engravida a esposa de Anfitrião. A chegada inesperada dos verdadeiros Anfitrião e Sósia precipitam a acção que é adensada pela constipação que o agora mortal *Pai dos Deuses* apanha e pela sua embriaguez. A farsa só termina quando Juno desce do Olimpo com um enorme cisne mecânico e o leva para a morada dos deuses, devolvendo-lhe a sua aparência e dignidade.

Esta exposição concretiza e confirma também uma nova tendência, que se vem impondo nos Estudos Clássicos, em que os estudos pioneiros de Maria Wyke e Martin Winkler, entre outros, mostraram que os filmes épicos foram fortemente influenciados pelas fontes do século XIX, desde romances históricos como o *Sinal da Cruz* de Wilson Barrett (1895) ou o *Quo Vadis* de Henryk Sienkiewicz (1896) a peças de teatro, passando pela pintura, ópera ou exposições museológicas. A sua interpretação destes discursos históricos procurava garantir a autenticidade histórica, de forma a seduzir as audiências cada vez mais atraídas pelo passado.

O Museu de Catalayud, reaberto em 2007, depois de sofrer obras de ampliação das suas instalações, e que acolhe, entre as suas exposições permanentes, o espólio arqueológico recolhido nas escavações da cidade romana de *Bilbilis* (de onde era natural o poeta Marcial e onde se destacam os frescos, encontrados em várias habitações e nas termas, moedas, jóias e inscrições), oferece, assim, aos seus visitantes, uma experiência museológica ímpar. Assiste-se a uma exposição de cinema dentro do cinema, que em simultâneo narra a história de muitos dos objectos arqueológicos expostos<sup>2</sup>.

NÍDIA CATORZE SANTOS

### AS BACANTES DE EURÍPIDES PELA COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA

A 13 de Janeiro do corrente ano, no Teatro Circo, em Braga, estreou o exercício teatral sobre *As Bacantes* de Eurípides que, para a Companhia de Teatro de Braga (CTB), dirigiu o encenador Rui Madeira. A peça, em cena nesse espaço até 23 de Janeiro, iniciou em seguida uma digressão que a fez passar por Coimbra – onde esteve, no Teatro da Cerca de S. Bernardo, nos passados dias 7 e 8 de Março – e que a levou mesmo a terras brasileiras, a 21 de Abril. Anunciada, na folha de sala, como “um espectáculo em progressão” e como resultado do “entendimento que [o grupo vem fazendo] sobre a leitura dos clássicos e da relação dessa leitura com o trabalho dos actores, numa perspectiva do seu próprio crescimento artístico”, a peça enforma de faltas que consideramos graves e que não se coadunam, estamos em crer, com a liberdade (quase ilimitada) de um encenador de teatro que escolhe trabalhar um texto clássico.

Embora susceptíveis de constringer um espectador mais canónico e tradicional de teatro clássico, são ainda assim legítimas e coerentes algumas opções cénicas, que se resumem numa intenção de adaptação do drama euripídiano a um espectáculo chocante, que roça o fetichista. Refiro-me, entre outros aspectos, à transformação do palácio de Penteu num aglomerado de grades de cerveja Sagres – patrocinador mais do que assumido do

<sup>2</sup> Gostaríamos de expressar o nosso agradecimento à produtora Lavirian por todos os esclarecimentos prestados.

espectáculo –, opção justificada quando Diónisos, o deus que vai destruir toda a família real, surge em cena armado de um martelo pneumático ou, mais adiante, no momento em que a revelação ocorre, quando essas mesmas grades são deitadas ao chão pelo mesmo deus. Ou ainda à transformação do coro de seguidoras de Diónisos num grupo de boémias embriagadas e tomadas por um frenesim de música de discoteca, meio ébrio, meio sexual, onde pesam uma fraca coordenação e, regra geral, graves problemas de dicção. Igualmente bem conseguidas – sempre no contexto de um espectáculo que pretende o choque – são as figuras de Diónisos, Penteu e Agave. Os primeiros, actores experimentados, unidos no Português do Brasil que falam, levam toda a peça em constante e violento conflito, sendo este corporizado, em termos concretos, no momento em que ambos executam passos de capoeira, quando está em discussão a culpa ou inocência do rei.



Imagem colhida em <http://www.theatrocirco.com/agenda/evento.php?id=361>  
(18 de Maio de 2009, 18.00 horas)

Agave, seguramente a personagem mais bem conseguida de toda a peça, por toda a violência gráfica que caracteriza a sua actuação, aproxima-se talvez mais de uma personagem senequiana do que euripídiana. A loucura que a toma antes de perceber a verdade – fazendo-a tremer e alucinar de uma maneira que roça o doentio –, bem assim a forma quase visceral como toca os